

A casa do Alferes em *Joaquina, filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz

The House of the Alferes in Joaquina, Daughter of Tiradentes, by Maria José de Queiroz

André de Souza Pinto

Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
andresouzapinto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8505-139X>

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar, em *Joaquina, filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz, romance publicado em 1987, a figura de Joaquina, filha natural de Joaquim José da Silva Xavier, buscando entrever, neste relato biográfico, a partir de uma personagem silenciada pela história oficial, uma imagem panorâmica da história brasileira e da ruína de um de seus mártires, o Tiradentes. No decorrer do romance, ao escaparem do destino funesto do inconfidente, Joaquina e sua mãe transitam entre inúmeras casas, espaços que lhes dão abrigo e proteção, mas que representam, também, as várias nuances que compõem a sociedade da época e, ao mesmo tempo, engendram o contraste entre a casa arruinada e salgada de Tiradentes, para que nada mais cresça ali, inclusive a sua descendência, e as moradas habitadas pelas mulheres sobreviventes. Assim, o principal intento desse artigo foi, a partir desse arquivo biográfico, apresentar a história da filha de Tiradentes, de seus pais e da casa em ruínas de Tiradentes, cuja própria descendência fora apagada da história oficial, restando, pois, por meio do fazer literário de Maria José de Queiroz, a narrativa de Joaquina.

Palavras-chave: Tiradentes; Joaquina; ruína; casa; genealogia.

Abstract: This article aims to analyze, in *Joaquina, daughter of Tiradentes*, by Maria José de Queiroz, a novel published in 1987, the figure of Joaquina, the natural daughter of Joaquim José da Silva Xavier, seeking to glimpse, in this biographical account, from a character silenced by official history, a panoramic image of Brazilian history and the ruin of one of its martyrs,



Tiradentes. In the course of the novel, after escaping the disastrous fate of the inconfidente, Joaquina and her mother move between numerous houses, spaces that provide them with shelter and protection, but that also represent the various nuances that make up the society of the time and, at the same time, engender the contrast between the ruined and salty house of Tiradentes, so that nothing else grows there, including his descendants, and the dwellings inhabited by the surviving women. Thus, the main intention of this article was, based on this biographical archive, to present the story of Tiradentes' daughter, her parents and the ruined house of Tiradentes, whose own descendants had been erased from official history, leaving, through the literary work of Maria José de Queiroz, the narrative of Joaquina.

Keywords: Tiradentes; Joaquina; ruin, house, genealogy.

Por toda a terra
se reúnem todos os lábios silenciosos que se derramaram
e das profundezas falam comigo durante toda esta longa noite,
como se eu estivesse ancorado com você,
me diga tudo, corrente por corrente, elo por elo, e passo a passo,
Venha para minhas veias e minha boca.
Fale através das minhas palavras e do meu sangue.¹

(Pablo Neruda)

Vila Rica, vila pobre,
gente rica, gente pobre,
pobre gente!
corda ao pescoço, traje infame,
vira estátua, vira selo,
crescem-lhe barbas, cabelo.
Enquanto se arrasta o processo,
A liberdade tardia
Vira força, devassa, degredo.

(Maria José de Queiroz, *Como me contaram: fábulas históricas*)

¹ A través de la tierra
juntad todos los silenciosos labios derramados
y desde el fondo habladme toda esta larga noche,
como se yo estuviera con vosotros anclado,
contadme todo, cadena a cadena,
eslabón a eslabón, y paso a paso,
[...]
Acudid a mis venas y a mi boca.
Hablad por mis palabras y mi sangre.

Passei a vida com os olhos baixos. Conheço as pedras das calçadas de Vila Rica e de Antônio Dias. Conheci as tábuas e o chão da casa do Alferes, da casa da minha mãe, na Rua da Ponte Seca, da fazenda do Senhor Anacleto e de todas essas casas por onde passamos. Isso me pesa.

(Maria José de Queiroz, *Joaquina, filha do Tiradentes*)

O chão de Minas é mais, expõe contrastes, tantas Minas, porém, perpassadas, invariavelmente, pelo mineiro, sujeito tão múltiplo quanto o espaço em que habita e que faz, pois, da terra o seu lar, afiança Guimarães Rosa (Rosa, 2009). É, então, neste lugar de histórias fartas, que Maria José de Queiroz encontra, em meio as ruínas de seus personagens, uma história miúda e esquecida, ou apagada, nos arquivos oficiais, a narrativa de *Joaquina, filha do Tiradentes* (1987), uma história de Vila Rica, uma história de Minas Gerais.

Em *Como me contaram: fábulas históricas* (volume I e II) (2024), Queiroz introduz a sua narrativa com uma epígrafe de Pablo Neruda, a mesma que cito na abertura deste artigo, cujo texto põe em evidência a história vista por baixo, o relato que, ao ser recolhido em meio àquilo que a cidade descarta, retrata as inúmeras vozes que foram silenciadas ao longo da história. Todavia, é por intermédio do ofício da escritora, por meio de suas palavras, que tais histórias ganham vida.

Cidades, personagens, datas... *Como me contaram*, publicado em 1973, é, de certo modo, a partir dos inúmeros títulos dos contos que constituem os dois volumes da obra, um mosaico de narrativas sobre Minas Gerais, o que inclui, também, a figura de Tiradentes, como mencionado no conto “Vila Rica, vila pobre” (Queiroz, 2024, p. 24-25), antevendo, portanto, o mote narrativo que alicerçará a narrativa de Joaquina.

No conto de Queiroz, a cidade de Vila Rica surge como espaço de contrastes, opondo, por exemplo, o prestígio e a riqueza sugerida pelo seu nome ao declínio e ruína de um de seus moradores, condenado a sofrer com a corda no pescoço, porém, destinado ao martírio que produz os heróis da pátria, não mais esquecido, mas eternizado em outros monumentos. A oposição proposta pela escritora se desdobra, ainda, por meio de um discurso metalinguístico, no qual as rimas, ricas e pobres, um jogo de palavras intentado por Queiroz, norteiam o fazer poético da autora e, ao mesmo tempo, denunciam as mazelas do povo mineiro.

Ler, pois, Maria José de Queiroz é, nesse sentido, transitar entre o ficcional e o histórico, vislumbrando, neste texto híbrido, as lacunas que a escritora suplementa, versões de uma história possível, na qual a crônica histórica se vê entrelaçada à ficção, o que permite que Queiroz possa dar voz aos silenciados, retomando Neruda, acrescentando, portanto, mais um capítulo ao arquivo de narrativas de Minas Gerais, não mais restrito ao texto oficial sobre Tiradentes, mas, agora, um relato que se expande e permite que Joaquina também possa contar a sua história.

Em *Joaquina, filha do Tiradentes*, romance publicado em 1987, Maria José de Queiroz, em um exercício de fiandeira, tece a vida ficcional da filha de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, imbricando, nesse movimento, a ficção e a narrativa histórica. Fugindo de uma casa a outra, e do destino do pai, herói e mártir da Inconfidência, a personagem narra a casa, real e imaginária, que foi amaldiçoada tanto pela justiça quanto pela Igreja.

A vida de Joaquina e de sua mãe é narrada, assim, a partir da fuga das duas de Vila Rica, após a condenação e a morte de Tiradentes. Em dois discursos narrativos distintos, tem-se, de um lado, um relato do passado, no qual as viagens e tudo que o que se refere a Tiradentes, a

sua morte e o seu envolvimento na Inconfidência, é descrito por uma narradora que ainda não compreende a história. Por outro lado, em itálico, entremeado a esse texto, temos a narrativa do tempo presente de Joaquina, que já retornara para Vila Rica e, ali, borda monogramas e transpõe partituras da Diocese de Mariana.

Em um relato que mira as pedras das calçadas de Vila Rica e o chão das inúmeras casas que serviram de abrigo, Joaquina subverte a narrativa histórica oficial e, ao contar a história vista de baixo,² o relato dos pequenos e miúdos habitantes da nação, faz irromper, nesse movimento, a sua história: uma filha esquecida e amaldiçoada pela infâmia lançada pela Soberana e pela Igreja contra o seu pai e contra a sua casa, maldizendo, desse modo, uma descendência que não mais poderia florescer na terra salgada da morada familiar.

Nesse contexto, a epígrafe do romance, um trecho do *Romanceiro da Inconfidência*,³ de Cecília Meireles, realça a imagem de uma trama enredada as migalhas recolhidas do chão e que compõem o espaço da memória, da ficção e da narrativa histórica, “ossos, nomes, letras, poeiras” (Queiroz, 1987, p. 8), únicos vestígios de um passado lacunar, inalcançável para a filha do Alferes, que não recorda “rastro nenhum” (Queiroz, 1987, p. 8) de um tempo findado, e ficcional para a escritora, que, na enunciação, suplementa a História, preenche os vazios e reconstrói a casa do Tiradentes.

No romance, o exílio⁴ forçado da filha natural e de sua mãe assinala a instabilidade do espaço habitado pela família de Joaquim José da Silva Xavier. A ausência de uma casa tradicional não pode, apesar das inúmeras possibilidades, ser substituída, pois as casas do preto Francisco, o Chico Itacolomi, de Sô Anacleto ou de José Afonso, nada mais são que refúgios temporários.

Desse modo, transitar pelas casas provisórias de Queiroz é, pois, acompanhar a via-crúcis de Joaquina, que, vivendo no degredo, vai, aos poucos e gradativamente, conhecendo o seu passado e, ao mesmo tempo, ficcionalizando-o, mobiliando-o com os trastes que compõem o cenário da casa e lhe trazem sobrevida, ainda que pela imaginação, uma vez que Joaquina não se encontra presa ao discurso oficial, ela pode compor a sua narrativa a “uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo” (Benjamin, 1987, p. 119).

Se Queiroz, na enunciação, se vale do passado histórico do Brasil Colônia, da figura do Alferes e da existência lacunar de uma suposta filha do Tiradentes para construir uma casa imaginária e infame, mobiliada até os últimos pormenores,⁵ para Joaquina, resta, no enunciado, a tarefa de ajuntar os cacos⁶ e os trastes que alicerçam a sua vida, recolhendo e organizando os fragmentos que compõem a sua história, vestígios de uma infância esquecida e remendos de narrativas familiares, recompondo, portanto, um passado possível e, ao mesmo tempo, uma narrativa presente marcada pela melancolia.

² Ver: SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

³ Ver: MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

⁴ Ver: QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

⁵ Ver: ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁶ Ver: ANDRADE, Carlos Drummond de. Coleção de cacos. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 197-198.

Assim sendo, se a História provê o sinal da mácula que é entremeada à narrativa do Alferes, o romance de Queiroz se apropria da coluna que resta sobre o terreno da antiga casa, símbolo da infâmia cometida contra a Coroa portuguesa, um marco de pedra que buscava preservar a ruína do homem e o sinal do delito praticado, das crônicas históricas de Minas Gerais e dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira* (Queiroz, 1987, p. 297) para ficcionalizar a história de Joaquina, criando, na enunciação, um mundo no qual as histórias contadas pelo velho Chico e os devaneios da mãe são as matérias narráveis.

Embora a subsistência de Joaquina permaneça no romance, a casa do Alferes não mais existe, tornara-se um terreno salgado para que nada mais cresça, e os espaços habitados desde a fuga constituem apenas uma não casa, já que a permanência é frustrada e a família do Tiradentes é impelida, ora pelo desejo de recuperar um nome que já se perdera, ora pelas memórias fantasmáticas que assombram a mãe, a retornar para uma morada arruinada e que denuncia a infâmia de Joaquina e o fim da casa de seu pai.

Se o desterro representa a falta do lar, nota-se, também, que ele possibilita que Joaquina tenha contato com o mundo, sofra as dores de sua mãe, saiba mais sobre o pai e aprecie as histórias do velho Chico. A história repetida pelo amigo do Alferes, Joaquina busca “descobrir coisas novas: um gesto, um tique, um nome, um apelido” (Queiroz, 1987, p. 25), vigiando, curiosa, todos os pormenores e fantasiando cenas e figuras, quadros e paisagens (Queiroz, 1987, p. 25). O exílio é, assim, para a mãe e a filha, a possibilidade de entranhar-se em um passado mítico do herói, que coincide com o deslocamento físico e com o retorno metafórico às memórias imaginárias de uma casa olvidada.

A fuga de Joaquina com sua mãe de Vila Rica levou-as à Fazenda dos Tucanos. Ali, apesar da infâmia que permeia a existência da família do Tiradentes, elas foram acolhidas por Sô Anacleto e Dona Emília. Nesse espaço familiar, Joaquina recebe a mesma educação das filhas do casal e, após anos de convivência na fazenda, parece que a casa poderia, enfim, se tornar um abrigo contra as intempéries do mundo exterior,⁷ um lar que poderia prover, inclusive, um sobrenome que ainda não fora estigmatizado, já que:

– Certidão de paternidade? Qual! Eu mesmo passo à menina o meu nome e não se fala mais nisso – declarou sem temor, para arrematar com firmeza: – Não sou herói, todo mundo sabe disso, mas, Deus é testemunha, chegada a hora, se necessário, me sacrifico pela família e pelas minhas filhas. Pelas três. E posso oferecer, a todas elas, com a ajuda de Deus, casa, instrução, comida e bebida, roupa e calçado. Isso, Deus seja servido, mesmo depois de minha morte (Queiroz, 1987, p. 60).

No entanto, obstinada, a mãe da protagonista, insiste em voltar para Vila Rica a fim de, lá, viver seus últimos dias e, com isso, o destino e a ruína da narradora parece se fundir ao cenário em que ela vive e habita, imbricando memórias maternais fantasmáticas a decadência da casa do Alferes. Logo, a morada familiar “não constitui um processo de vida eterna, mas de inevitável declínio” (Benjamin, 1984, p. 200), que será concretizado com a volta para a cidade natal, para perto do “quadrado de terra e nada mais” (Queiroz, 1987, p. 18), infértil como o ventre de Joaquina.

⁷ Ver: BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 24.

Trilhar, então, a fuga e, posteriormente, o retorno para Vila Rica evidencia, por consequência, a construção de um emaranhado narrativo, veredas que conduzem o leitor rumo a fragmentos e restos de memórias imaginárias, ora pela ficcionalização de uma lembrança já esquecida, ora pelas histórias maternas delirantes. Ao propor, então, um “jogo de fugas e aparições” (Queiroz, 1987, p. 200), em uma nova referência ao *Romanceiro da Inconfidência*, recolhendo cacos em uma viagem espacial e, ao mesmo tempo, metafórica, Queiroz compõe um mapa geográfico de Minas e entrecruza a história oficial e a ficcionalização da narrativa da filha natural do Tiradentes.

Em meio a “uma certa melancolia, ou uma tristeza subterrânea, não sei, que envolve” (Queiroz, 1987, p. 149) Joaquina, o retorno para Vila Rica trará, para a filha do Alferes, a imagem de uma “cidade irrespirável. Impregnada de maus odores” (Queiroz, 1987, p. 183), de onde “exalações e vapores fétidos parecem sair de todo orifício, de toda rótula, de cada porão e de cada corredor” (Queiroz, 1987, p. 183). Nesse contexto, Joaquina irá descobrir que a herança deixada pelo pai é, de um lado a infâmia, de outro, a glória de ser filha de um herói.

Logo, a construção da imagem da cidade e, por extensão, da figura do Tiradentes se dá na contraposição entre a importância revelada pelo nome, Vila Rica, e a decadência do espaço, que, ao promover o apagamento da casa do Alferes, busca obliterar também o mártir que ali viveu e a sua descendência, o que propicia, no entanto, que surja, no vazio da casa, o preenchimento ficcional da história e a elaboração de memórias fantasmáticas, recordando, portanto, na enunciação, o herói preterido e a sua grandeza.

Se a ruína do Tiradentes leva-o ao esquecimento, restando somente os vestígios de sua infâmia e, por isso, vãos que podem ser suplementados pela ficção, Joaquina e sua mãe, por sua vez, sobrevivem bordando, fazendo doces⁸ e copiando partituras. Essas atividades põem em relevo o trabalho também da escritora que trama, sob o esquecimento da história, a vida ficcional da filha de Tiradentes, fazendo coincidir, no bordado e no trabalho de copista, a representação lacunar e fragmentada da casa imaginária do Alferes. Logo no início do romance, Joaquina relata:

Voltei ontem à Rua São José. Não quis que minha mãe me acompanhasse. Haviam de reconhecer-nos, as duas. Sozinha, não corro esse risco. Os anos de miséria, de esconde-esconde, de lágrimas e cansaço secaram o resto de infância que me sobrava. Não conheci os sobressaltos nem as ansiedades da adolescência. Servem-me os braços para o trabalho; valem-me as pernas para enfrentar as estradas. E haja noite para esconder meu infortúnio e minha vergonha. Minha mãe queria morrer aqui. A tentação da volta não a deixava em paz. Queria visitar, uma vez que fosse, a praça do castigo. Queria ver tudo, olhar bem, sofrer de novo, chorar e penar. E não desistiu da resolução tomada. Seu maior desejo era conhecer e contemplar, de perto, o padrão da infâmia, levantado ali, no lugar da casa de morada, onde tudo foi arrasado e salgado. Para quê? Por quê? Tanto repetiu e repetiu esse desejo tresloucado que cheguei a acreditar num sentido escuro, sagrado ou milagroso dessa pedra: uma espécie de relíquia que lhe daria alívio. A coluna da vergonha é a única lembrança concreta, real, que dele nos ficou. É ela nosso único ponto de referência nesta cidade. No mundo (Queiroz, 1987, p. 12-13).

⁸ Ver: QUEIROZ, Maria José de. *A literatura e o gozo impuro da comida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

Se, no enunciado, o retorno à Vila Rica permite que Joaquina vislumbre a casa inexistente de seu pai e confirme, ao mesmo tempo, o opróbrio que acompanhará a sua família, na enunciação, o padrão da infâmia, a coluna da vergonha, como fragmento dessa casa ficcional, se constitui como o corpo vivo que será trabalhado e criado pela escritora, uma vez que, conforme Walter Benjamin afiança, o “que jaz em ruínas, o fragmento significativo, o estilhaço: essa é a matéria mais nobre da criação barroca” (Benjamin, 1984, p. 200). Assim, vê-se que a coluna da vergonha, enquanto vestígio dessa morada inexistente, é a matéria narrável de Queiroz, que, por intermédio de sua personagem-narradora, irá ficcionalizar a casa familiar, já que Joaquina, após rememorar os espaços de sua infância, afirma: “Não sei se tudo se passou tal como descrevo; sei, no entanto, que a visão dos pés molhados de lágrimas me causou tão forte impressão que jamais pude esquecê-la. A partir dessa lembrança, tudo se confunde. E tudo se precipita” (Queiroz, 1987, p. 22).

Desse modo, a personagem-narradora, ao rememorar um passado ficcional e suplementá-lo com impressões pessoais e histórias que ouvira alguém contar, o que, curiosamente, já é um indício que nos remete ao outro livro de Queiroz, *Como me contaram: fábulas históricas*, alicerça o seu relato na imprecisão que advém dessas memórias imaginárias e múltiplas, na qual a escritora usa as poucas palavras acerca da filha do Alferes presentes nos documentos oficiais e completa as lacunas da história, tornando-as suas e fazendo-as dizerem o que, conforme afiança Ricardo Piglia, “queremos dizer” (Piglia, 1991, p. 60).

Ainda sobre a antiga casa do Alferes, a narradora confessa:

Dói-me ver, no lugar da casa de meu pai, um quadrado de terra e nada mais. A mais distante lembrança que me ocorre é a do quintal: grande, muito grande, e cheio de árvores. Um dia, o escravo da casa me deu uma colher de melado. Agora, este imenso vazio. Posso imaginar o que quiser. Mas isso não consola. Preciso dessa casa. Tal como foi. Preciso dos seus quartos e sala, da enorme cozinha, das plantas e do quintal para abrigar minha breve infância. Suas paredes e muros guardam o segredo da vida de minha mãe, minhas primeiras palavras e meus primeiros passos. Gostaria de lembrar-me de tudo quanto havia sob o seu teto: móveis, retratos, armas, candeeiros, garrafas, tigelas, panelas e pratos. Na trempe do fogão, a chaleira de ferro, o bule de folha, o mancebo... A casa vive nesses trastes. Foram eles que lhe deram forma e aparência de lar. Não faço ladainha de expiação só para chorar o que já não existe. O que me move é o instinto de animal ferido que busca repouso no pedaço de terra onde viveu. A minha casa, o meu mundo, está aqui: nesse espaço vazio onde vi e conheci meu pai (Queiroz, 1987, p. 18).

A casa é, de acordo com Gaston Bachelard, “o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (Bachelard, 2008, p. 24), que se configuraria, a partir dos seus detalhes, como um verdadeiro lar para Joaquina, mas, no entanto, a casa não mais existe e a coluna da vergonha constitui apenas um fragmento da história e da cidade, fazendo coincidir, na enunciação, as fronteiras de um espaço construído, sombras de uma casa imaginária, a paisagem fétida e arruinada da urbe (Risério, 2019, p. 27).

Compreendendo a ruína que permeia a sua vida e irá perpassar a sua história, Joaquina reconhece, então, que a herança recebida se constitui, dessa forma, como sal e infâmia, o que faz com que ela constata a impossibilidade de outra vida. Por isso, a filha do Tiradentes recusa o pedido de casamento de João da Formosinha e, posteriormente, de José Afonso. Joaquina afirma categoricamente: “Estou, sim, acorrentada à pena do Alferes. Não só eu, sua

filha, mas, também, meus filhos – os seus netos e herdeiros. A infâmia lançada sobre ele me atinge também a mim e à minha descendência” (Queiroz, 1987, p. 293-294).

O romance se apropria, assim, de um espaço histórico em ruínas, cuja inexistência da casa familiar é, também, a marca do esfacelamento de uma linhagem, isto é, da casa de Joaquim José da Silva Xavier. O “quadrado de terra e nada mais” (Queiroz, 1987, p. 18), salgado para que nada mais cresça, é a metáfora do ventre infrutífero de Joaquina e o vazio que possibilitará que a sua narrativa seja ficcionalizada.

A decadência da casa do Alferes, seja o espaço físico, seja o nome e a linhagem, é, no romance, a ruína que acompanha a descendência do Tiradentes, pois, conforme afiança a mãe de Joaquina: “Estamos condenadas, Joaquina. Pelos séculos dos séculos. Você e toda a sua descendência. A infâmia vai mais longe que a gafeira. Atinge filho e netos. Não case, minha filha. Nunca! Não quero que meus netos levem essa marca terrível” (Queiroz, 1987, p. 168-169).

Assim, ao não querer “passar a um filho – filho meu, do meu sangue e da minha carne – o seu sangue (do Tiradentes), sem que o condene, a ele também, ao silêncio tenebroso que fere e arruína” (Queiroz, 1987, p. 290), Joaquina afirma: “Sou filha do Alferes e morre comigo o seu legado de generosidade, de coragem e de bravura” (Queiroz, 1987, p. 290).⁹

O vazio da casa familiar, assim como da descendência do Alferes, é, pois, a possibilidade encontrada por Maria José de Queiroz para relatar a história de Joaquina. Sua existência ganha, enfim, uma vida, bordada com cuidado por uma artesã da palavra, que trança a linha do destino de Joaquina no vazio do tecido histórico e literário.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Coleção de cacos. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 197-198.

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes: volume 1*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008a. (Memórias Póstumas de Brás Cubas).

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, Maria Lúcia. *História e memória na ficção de Maria José de Queiroz*. 2018. 155f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-B45FCZ/1/tese_maria_lucia_barbosa.pdf. Acesso em: 17 fev. 2025.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁹ Ao não querer transmitir o fado cruel para os seus descendentes, Joaquina retoma, ironicamente, o capítulo “Das negativas”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, no qual o narrador, um defunto autor, representante da ruína que permeia o romance, em sua forma derradeira, afiança: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria” (Assis, 2008a, p. 758).

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987a. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987b.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Dumará, 2001.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GUIMARÃES, Maria Silvia Duarte. *Tecer o visível e entretecer o invisível: As cidades invisíveis, de Italo Calvino, e Como contaram: fábulas históricas, de Maria José Queiroz*. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-BDWG58/1/disserta__o_maria_silvia_duarte_guimar_es.pdf. Acesso em: 20 mar. 2025.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MAAS, Anthony. Genealogy (in the Bible). *The Catholic Encyclopedia*. v. 6. New York: Robert Appleton Company, 1909. Disponível em: <https://www.newadvent.org/cathen/06408a.htm>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

NASCIMENTO, Lyslei. *Exercício de fiandeira: Joaquina, filha do Tiradentes, de Maria José de Queiroz*. 1995. 136f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

NASCIMENTO, Lyslei. *Exercício de fiandeira: Joaquina, filha do Tiradentes, de Maria José de Queiroz*. São José do Rio Preto: HN, 2022.

NERUDA, Pablo. *Canto general*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais[...]*. Belo Horizonte: SEGRAC, 1991. p. 60-66.

PINTO, André de Souza. Genealogias e histórias de antepassados em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito. 2016. 111f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Modernas e Contemporâneas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-A9PP3A/1/andr_de_souza_pinto___disserta_o.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

QUEIROZ, Maria José de. *A literatura e o gozo impuro da comida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

QUEIROZ, Maria José de. *A literatura encarcerada*. Belo Horizonte: Caravana Grupo Editorial, 2019.

QUEIROZ, Maria José de. *Como me contaram. Fábulas históricas*. Belo Horizonte: Imprensa/ Publicações, 1973.

QUEIROZ, Maria José de. *Como me contaram: fábulas históricas* (volume I e II). Belo Horizonte: Caravana, 2024.

QUEIROZ, Maria José de. *Joaquina, filha do Tiradentes*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1987.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RISÉRIO, Antonio. *A casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2019.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

RYKWERT, Joseph. *A casa de Adão no paraíso: a ideia da cabana primitiva na história da arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

WEIGEL, Sigrid. *Genealogy: on the iconography and rhetorics of an epistemological topos*, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/357702329/weigel-2006-genealogy-on-the-iconography-and-rhetorics-of-an-epistemological-topos>. Acesso em: 20 mar. 2025.